

Jazz

18 de setembro 2013

Mário Laginha

Novo Trio

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano Mário Laginha
Guitarra portuguesa Miguel Amaral
Contrabaixo Bernardo Moreira

Qua 18 de setembro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h15 · M3

A história deste trio conta-se depressa. Resulta de uma atração e de uma interrogação. Atração pela guitarra portuguesa que vem desde a minha adolescência – quando ouvia obsessivamente Carlos Paredes – e que nunca deixou de existir, alimentada pelos talentos de Pedro Caldeira Cabral e de Ricardo Rocha, que brilhantemente expandiram o universo da guitarra portuguesa enquanto instrumento solista. A interrogação tem a ver com o facto de a guitarra portuguesa raramente ter sido utilizada noutras áreas musicais apesar do seu enorme potencial. É quase um enigma. E aqui entra na história um incrível guitarrista – Miguel Amaral – que conheci há quatro anos. A sua musicalidade, o seu virtuosismo

e o seu fascínio pela procura fizeram-me querer experimentar esta formação – piano, guitarra portuguesa e contrabaixo. Eu não toco com instrumentos, toco com pessoas, e na realidade aquilo que mais me entusiasma é tocar com o Miguel e o Bernardo, que são grandes músicos. Com eles a ideia de busca de uma identidade neste universo contaminado pelas mais variadas influências não tem nada de assustador e tem tudo de apaixonante. Todas as histórias têm um princípio. A deste trio começa hoje. Aqui.

Mário Laginha

Jazz com guitarra portuguesa

Nem tudo o que parece, é. Este dito popular define bem a música de Mário Laginha. Se nesta são detetáveis elementos de origens idiomáticas distintas, não existe propriamente fusão ou colagem. Aquele que é um dos nossos maiores pianistas e compositores de jazz não podia ser mais perentório quanto à questão: «Tenho horror à ideia de misturar estilos musicais sem qualquer tipo de aprofundamento – e aproveitamento – da sua essência. Por exemplo, peças clássicas com ritmo pop, uma canção portuguesa em que se injeta *swing* à força, etc. A ideia de contaminação de culturas tem um lado fascinante e desafiador, mas deve ser feita de uma forma em que o resultado tenha identidade própria.»

Mas porque em nenhuma atividade humana há condições absolutas, Laginha tem a humildade suficiente – a humildade de quem chegou ao nível a que chegou com muito trabalho – para abrir uma ressalva: «Dito assim pode parecer que faço essa contaminação sempre bem. Não acho que isso seja verdade, mas tento.»

Vem isto a propósito do novíssimo projeto que neste concerto se estreia. A própria instrumentação escolhida anuncia os parâmetros que estão em causa: trata-se de um jazz contaminado pela nossa música popular, e muito especificamente a de Lisboa. Se é o piano que conduz os procedimentos, o centro nevrálgico deste trio com Miguel Amaral e Bernardo Moreira está nos papéis entregues à guitarra portuguesa.

Ainda que a intenção seja um afastamento dos seus desempenhos tradicionais, o passado deste cordofone não só não é alienado como se faz questão de respeitar.

Do modo que a seguir Mário Laginha explicita... «A minha vontade é utilizar esse instrumento fora do seu contexto habitual. Não penso fazer uma mistura de doses similares de jazz e fado, mas sim fazer música – com todas as minhas influências – a pensar num trio cuja sonoridade é forçosamente marcada pela guitarra portuguesa. O jazz tem, na sua história, assimilado as mais diversas culturas musicais e também aberto a porta (os músicos abrem-na) a instrumentos que não existiam na sua génese. Que em Portugal não se experimentem mais caminhos para este instrumento parece-me quase um absurdo.»

De facto, a motivação deste outro Mário Laginha Trio é muito simples: «À inevitável pergunta – que, obviamente, faz todo o sentido fazer – “porquê um trio com guitarra portuguesa?”, apetece-me repetir o que um grande alpinista respondeu sobre a razão que o levava a escalar uma montanha: porque está ali.»

Não é a primeira vez que a guitarra portuguesa surge em situações que não as do fado ou da música instrumental associada a este género, mas as que se contam são ainda poucas. Pedro Caldeira Cabral conciliou-a com a música antiga, Ricardo Rocha escreveu algumas partituras dodecafónicas para a sua execução, Luís Varatojo deu-lhe um invólucro rock com o grupo A Naífa e Nuno Rebelo abordou-a com propósitos

experimentais, preparando-a à maneira de John Cage e transformando-a mediante a adição de cordas acionáveis por simpatia e de dispositivos eletrónicos.

Além de ter inventado uma variante barítono da guitarra portuguesa – o guitão que hoje é tocado por António Eustáquio –, Carlos Paredes tentou cruzar a sua sonoridade tanto do jazz, numa associação com Charlie Haden, como da música erudita (ele que tanto admirava o repertório para cravo de Carlos Seixas), ao lado de Victorino de Almeida. O facto de ambos estes esforços não terem sido particularmente bem-sucedidos deixa a Laginha – músico que se formou no jazz e na clássica em simultâneo e que tem sempre desenvolvido o seu percurso no cruzamento desses idiomas musicais – uma particular responsabilidade. De que ele está plenamente consciente, aliás...

Tudo é possível, mas há ideias muito concretas sobre o que fazer: «O que daqui sair estará mais perto do jazz do que de qualquer outra música, mas alguma sombra da música portuguesa há de surgir. Claro que alguns universos sonoros não fazem sentido com esta formação, como seja o *swing* puro e duro. Afinal, não se caminha para lá naturalmente.»

Determinante para os desfechos que vierem está uma particularidade que vem definindo a postura de Mário Laginha: a de tocar com músicos, mais do que com instrumentos. «Miguel Amaral é um guitarrista incrível e com uma invulgar atração pela ideia de

experimentar novos terrenos musicais. É ainda um compositor arrojado que contribui com uma peça – *Fuga para um Dia de Sol* – que nos leva para o campo da música clássica, sem perder a ligação com o universo jazzístico. Conheci-o já há uns anos (no espetáculo *Sombras*, de Ricardo Pais) e desde há algum tempo que queria fazer qualquer coisa com ele», comenta.

Não deixa de ser significativo que o terceiro elemento deste grupo seja o mesmo contrabaixista que com Laginha gravou um dos mais valorosos discos da última década do jazz nacional, *Mongrel*. Bernardo Moreira contribuiu decisivamente para as surpreendentes – porque transpostas do piano solo romântico para o formato pós-Bill Evans do trio de piano jazz – leituras da obra de Frédéric Chopin por parte do pianista, e com ele conta este também para algo que, além do vetor erudito, assimila as formas de uma certa portugalidade.

Depois do referido *Mongrel*, do álbum *Espaço*, que traduziu em música considerações do âmbito arquitetónico, ou de *Canções & Fugas*, em que Laginha explicitou todas as suas influências bachianas, esta nova incursão vem confirmar o também parceiro habitual de Maria João como um músico de projeto ou, se se preferir, um músico conceptual.

«Gosto da noção de um disco poder contar uma história, por mais abstrata que seja. Esta possibilidade de estabelecer o paralelo entre as músicas de um disco com os capítulos de um livro sempre me atraiu. Isso tende a perder-se na geração do *download*. Nela é

comum as pessoas relacionarem-se com os temas que apreciam mais. Como tal, descarregam esses temas e pronto. Não é condenável e faz sentido, mas perde-se uma dimensão da música que acho fascinante», considera.

O caminho que esta proposta fizer é, para já, uma incógnita. O trio com Bernardo Moreira e Alexandre Frazão levou *Mongrel* a vários pontos do País e ao estrangeiro e a obra teve mesmo edições na Alemanha, na Áustria e na Suíça, países em que foi particularmente bem recebido. O trio com Miguel Amaral e Bernardo Moreira poderá ter, ou não, a mesma circulação e o mesmo acolhimento por parte do público e da crítica. O certo é que não será fácil mantê-lo em tempos de crise e austeridade...

«Fazer com que cada projeto tenha uma vida longa e visível é complicado. Está por construir uma rede cúmplice de concertos e festivais em que os músicos portugueses toquem com regularidade. No dia em que isso acontecer, o nível médio do jazz que se faz em Portugal crescerá exponencialmente», conclui. A ver vamos, a partir de hoje mesmo.

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista online *jazz.pt*

Mário Laginha piano

Com uma carreira que leva já mais de duas décadas, Mário Laginha é habitualmente conotado com o mundo do jazz. Mas se é verdade que os primórdios do seu percurso têm um cunho predominantemente jazzístico – foi um dos fundadores do Sexteto de Jazz de Lisboa (1984), criou o decateto Mário Laginha (1987) e lidera ainda hoje um trio com o seu nome –, o universo musical que construiu com a cantora Maria João é um tributo às músicas que sempre o tocaram, a começar pelo jazz e passando pelas sonoridades brasileiras, indianas, africanas, pela pop e o rock, sem esquecer as bases clássicas que presidiram à sua formação académica e que acabariam por ditar o seu primeiro e tardio projeto a solo, inspirado em Bach (*Canções e Fugas*, de 2006).

Mário Laginha tem articulado uma forte personalidade musical com uma vontade imensa de partilhar a sua arte com outros músicos e criadores. Desde logo, com Maria João, de que resultou um dos projetos mais consistentes e originais da música portuguesa, com mais de uma dezena de discos e muitas centenas de concertos em salas e festivais um pouco por todo o mundo (festivais de Jazz de Montreux, do Mar do Norte, de San Sebastian, de Montreal...).

Em finais da década de oitenta, em parceria com o pianista clássico Pedro Burmester, com quem gravaria um disco, uma dupla que seria alargada a Bernardo Sasseti em 2007 no projeto *3 pianos*, com a gravação de um CD e um

DVD, além de uma dezena de concertos com fortíssima repercussão na crítica e no público. Até ao seu inesperado desaparecimento, Bernardo Sasseti foi, de resto, um parceiro e cúmplice de Mário Laginha em muitas dezenas de concertos e em dois discos gravados, o último dos quais dedicado à música de José Afonso.

Com uma sólida formação clássica, Mário Laginha tem escrito para formações tão diversas como a Big Band da Rádio de Hamburgo, Big Band de Frankfurt, a Orquestra Filarmónica de Hannover, Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Remix Ensemble da Casa da Música, o Drumming Grupo de Percussão e a Orquestra Sinfónica do Porto. E tem tocado, em palco ou em estúdio, com músicos excecionais como Wolfgang Muthspiel, Trilok Gurtu, Gilberto Gil, Lenine, Armando Marçal, Ralph Towner, Manu Katché, Dino Saluzzi, Kai Eckhardt, Julian Argüelles, Steve Argüelles, Howard Johnson, Django Bates, entre outros. Compõe também para cinema e teatro.

As suas obras mais recentes incluem *Mongrel*, em trio com Bernardo Moreira e Alexandre Frazão, um projeto que partiu de temas originais de Frédéric Chopin, e *Iridescente*, com a cantora Maria João, gravado na Fundação Calouste Gulbenkian.

Miguel Amaral guitarra portuguesa

Nasceu no Porto em 1982. O seu primeiro contacto com a música surge aos 6 anos, tendo iniciado o estudo de Piano com a professora Madalena Leite de Castro.

Estudou Guitarra Portuguesa com Samuel Cabral e José Fontes Rocha. Iniciou-se profissionalmente em 2005, como acompanhador de fados. Nos últimos anos, tem-se dedicado à vertente solista da Guitarra Portuguesa, tendo iniciado estudos com Pedro Caldeira Cabral e Ricardo Rocha para a abordagem das suas obras. Dedicar-se também à Composição, com especial incidência na criação de obras de cariz contemporâneo, para Guitarra Portuguesa. Estuda Análise, Harmonia e Contraponto com Daniel Moreira e Composição com Dimitris Andrikopoulos.

No ano letivo de 2007/2008, frequenta o Curso Livre de Composição – Orquestração lecionado por Dimitris Andrikopoulos na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto – ESMAE.

Das suas mais recentes apresentações como solista, destaca-se o recital na Casa da Música em 2009, com lotação esgotada, a propósito do qual a crítica lhe destacou a “superioridade de execução” e o “ousado repertório”, onde apresenta obras de Pedro Caldeira Cabral, Ricardo Rocha e Carlos Paredes. O seu trabalho como músico profissional mereceu o aplauso público de Pedro Caldeira Cabral, em entrevista ao *Diário de Notícias* (in “DNartes”, 16 setembro, 2009).

Em outubro de 2011 destaca-se o recital na Fundação Gulbenkian, inserido no festival dos 25 anos do Prémio Jovens Músicos e com transmissão em direto na Antena2, onde para além das suas composições, estreia obras de Mário Laginha, Dimitris Andrikopoulos, Daniel Moreira e Igor C. Silva.

Ainda em 2011 participa como intérprete na banda sonora do documentário *Nadir Afonso – o tempo não existe*” de Jorge Campos, cuja música da autoria de Dimitris Andrikopoulos, é exclusivamente escrita para Guitarra Portuguesa e eletrónica.

Fez parte da orquestra do espetáculo *Sombras* de Ricardo Pais, ao lado dos músicos Mário Laginha, Carlos Alves, Mário Franco e Paulo Faria de Carvalho. Leciona Guitarra Portuguesa na Escola de Música da Valentim de Carvalho, no Porto.

É licenciado em Direito pela Universidade Católica Portuguesa.

Bernardo Moreira contrabaixo

Começou os seus estudos musicais com 16 anos, tendo frequentado a Academia dos Amadores de Música de Lisboa e estudado com Fernando Flores, Niels Oersted Pederson, Rufus Reid e Reggie Workman. No final da década de 1980 tocou em vários clubes de jazz em Portugal e no estrangeiro, com músicos como Eddie Henderson, Norman Simmons, Al Grey, John Stubblefield, Carl Burnett e Frank Lacy. Entre 1991 e 1992, tocou com Daniel Humair e o trombonista Yves Robert no Festival

Internacional de Jazz de Lisboa; com Valery Ponomarev em Madrid; com o seu grupo Moreiras Quinteto em Espanha, França, Angola, Moçambique e África do Sul. Com o Quarteto de Mário Laginha apresentou-se na Europália (Bélgica e Luxemburgo). Ainda com este músico e com Julian Argüelles fez nessa altura uma digressão em Inglaterra. Tocou ainda com os lendários Benny Golson, Curtis Fuller, e Eddie Henderson numa série de concertos de homenagem a Art Blakey. Em 1993 realiza uma digressão nos Estados Unidos com os Moreiras Quinteto e o vibrafonista Steve Nelson, tocando no The North Carolina International Jazz Festival. Participa em concertos com Norma Winstone e Conrad Herwig e faz vários espetáculos em Espanha com o lendário Art Farmer, Ricky Ford e a cantora italiana Maria Pia de Vito. Realiza ainda concertos com a Orquestra Metropolitana de Lisboa como solista convidado. Nos anos seguintes destaca-se a gravação do CD *Luandando* com Freddie Hubbard para além de concertos e gravações com os saxofonistas Steve Slagle e Rick Margitza. Entre 1996 e 1997 participa no Festival de Jazz de Serralves, com o Quarteto de Enrico Rava; no Festival de Jazz da Gulbenkian, com a Big Band do Hot Club e a cantora Maria João e no Jazz Num Dia de verão, com o Moreiras Quinteto. Para além disso efetuou vários concertos no país com Rich Perry, Jimmy Owens, Bruce Barth e Phil Markowitz. Os anos de 1998 e 1999 são particularmente movimentados com concertos na Dinamarca, Espanha, Itália, Bulgária,

Angola, Alemanha, Costa do Marfim e Açores tocando com Moreiras Quinteto, Phil Markowitz, Ana Paula Oliveira e Bruce Barth. Na Culturgest, participa na homenagem a George Gershwin com Moreiras Septeto interpretando *Porgy and Bess*. No Festival de Jazz de Guimarães integra a All Star Big Band dirigida por Michael Gibbs com músicos como Perico Sambeat, Mário Laginha, João Moreira, Nguyen Lê, Martin France e Julian Argüelles. No Jazz em agosto de 99 na Acarte, com a Big Band do Hot Club participa numa homenagem a Duke Ellington ao lado do convidado Mark Turner. No último ano realizou digressões com Benny Golson e Big Band do Hot Club Portugal, para além de ter apresentado o seu novo projeto musical *Homenagem a Carlos Paredes* no Festival de Jazz de Coimbra em novembro do ano 2000. Ainda nesse ano participa na apresentação da suíte *Viagens* integrando o septeto de Pedro Moreira no Festival de Jazz de Guimarães e na Culturgest em Lisboa.

Entre os seus projetos mais recentes conta-se a edição do disco *Lisboa que adormece*, em duo com a cantora Paula Oliveira.

Utopía

de María Pagés



Dança / Música Sáb 21 setembro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M12

Ideia, direção, coreografia, cenografia e figurinos María Pagés **Coreografia farruca e assistente de coreografia** José Barrios **Música e arranjos** Rubén Lebaniegos, Fred Martins, Isaac Muñoz e José “Fyty” Carrillo **Letras** Charles Baudelaire, Mario Benedetti, Miguel de Cervantes, Antonio Machado, Larbi El Harti, Pablo Neruda, Oscar Niemeyer, Marcelo Diniz **Iluminação** Pau Fullana **Desenho de som** Albert Cortada **Baile** María Pagés, Isabel Rodríguez, María Vega, Eva Varela, José Barrios, José Antonio Jurado, Paco Berbel, Rubén Puertas **Músicos** Ana Ramon, Juan de Mairena, Rubén Lebaniegos, Jose “Fyty” Carrillo, Fred Martins, Sergio Menem, Chema Uriarte **Tingidos e pinturas de telas** María Calderón

Utopía é a mais recente criação de María Pagés. Inspirada na obra e na pessoa de Oscar Niemeyer, é um projeto global em que sete bailarinos interpretam com María a experiência ética e estética do desejo, do inconformismo, da utopia.

O cenário, criado por Pagés, evoca e sugere “a praça aberta a todos os homens e mulheres do mundo”, “as curvas generosas, de espaços amplos e abertos”. Os vestidos, lindíssimos, também por Pagés foram desenhados. A música, original e em direto, é composta e interpretada pelo guitarrista Rubén Lebaniegos e o cantor brasileiro Fred Martins.

O espetáculo estrutura-se em oito partes, ou versos, que convocam poemas de Baudelaire, Benedetti, Neruda, Machado, Lerbi El Harti e do próprio Niemeyer, incorporando ainda palavras de *D. Quixote* de Cervantes. Poemas que falam da solidariedade, do compromisso, do exílio, da fugacidade da vida, da pequenez dos homens, da imaginação e do idealismo como motores necessários da mudança.

Utopía é um extraordinário espetáculo de flamenco, com o poder da simplicidade e uma fulgurante beleza.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Estagiárias:

Luísa Fonseca

Patrícia Carvalho

Raquel Oliveira

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Álvaro Coelho

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Graça Fonseca

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Inês Hipólito

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

 **Caixa** Gestão de Activos

Grupo Caixa Geral de Depósitos

As emissões de gases com efeito de estufa associadas à produção desta publicação foram compensadas no âmbito da estratégia da CGD para as alterações climáticas.